

CRIADITAS DOS POBRES

Centenário do nascimento de Maria Carolina de Sousa Gomes

19 de Outubro — Cumprem-se hoje cem anos sobre o nascimento de Maria Carolina de Sousa Gomes que foi, e é, a Mãe das Criaditas.

Ontem, em Coimbra, as filhas, cercadas por uma multidão de amigos que encheu a Sé Velha e, depois, o Teatro Paulo Quintela, na Faculdade de Letras, celebraram a efeméride.

Isto de efemérides, é coisa do Tempo e de quem anda nele, pois a presença da Mãe, no meio delas, é uma constante que o tempo não desgasta, como sucede ao vulgo, às vidas vazias, mas não àqueles que acreditaram no Evangelho e mereceram a sabedoria de «perder a vida para ganhar a Vida». A Mãe, como a Irmãzinha Emanuel, que foi o seu outro Eu na geração e impulso da Obra admirável a que Deus as chamou, adquiriram o estatuto de imorredoiras. Se o seu corpo se não encontra ali, é certo que o seu espírito paira e todos

nós o atestámos nesta oportunidade que reuniu tantos devotos delas, entre os quais os Pobres que serviram e servem, tiveram um lugar grande. Foi belo, porquanto a Gratidão, ainda que tantas vezes arredada da prática dos homens, não deixou de ser virtude de alta cotação a enobrecer o carácter dos que a guardam bem dentro de si e a revelam sempre que surge ocasião propícia. Coimbra, Aveiro, Oliveira do Hospital, Porto, Falagueira (Amadora), Portalegre — lugares onde as Criaditas dão as suas vidas, sacramentando o seu amor a Deus no amor aos homens — tiveram ali representações eloquentes. E se dos Açores não dei fé de ninguém presente, é que o mar se mete de permeio e a distância estorva.

Tão viva a assembleia litúrgica na Sé Velha, presidida pelos Bispos de Coimbra e de Aveiro e por D. Manuel Trindade, este

pode dizer-se da família, na Missa concelebrada por tantos padres dos presbitérios de Coimbra e Aveiro, sobretudo!

Sessão solene à moda das Criaditas

Depois a sessão solene foi à moda das Criaditas, com a simplicidade delas: mesa da presidência coberta por uma colcha de retalhos, símbolo da sua Pobreza e do bom gosto com que a dignificam e a ensinam aos Pobres por condição social. A história da sua vida cantaram-na elas em versos simples, em melodia suave, enquanto slides projectavam imagens condizentes.

D. Manuel foi o orador oficial. A seguir, os testemunhos, começados por um representante da família de sangue e continuados pelos de várias gerações dos que foram, e são, o

objecto eleito do amor das Criaditas. Tudo tão simples, tão familiar, tão caloroso, tão belo! Até a intervenção espontânea, não prevista, de «Zé Mau», que também foi nosso!

Anos atrás recordei, nestas colunas, o paralelismo quase sincrónico dos passos da Mãe e de Pai Américo. Não reparei então que os próprios nascimentos deles foram tão próximos: apenas cinco anos menos quatro dias os separam. Não admira, pois, que fossem tão amigos, tão admiradores um do outro.

Queira Deus que a celebração desta efeméride não tenha sido somente uma referência ao passado. Que a bênção d'Ele — de que o passado-presente está cheio — seja sobretudo uma graça de futuro: muitas novas e corajosas Criaditas para servir os Pobres que «sempre teremos connosco», não porque Deus assim queira, mas por causa das nossas fraquezas, do peso-morto das nossas omissões.

Padre Carlos

Setúbal

Os Pobres estão condenados a viver clandestinamente em barracas

A compra de mais um andar de que o Jorge será proprietário, veio avivar na minha consciência a impossibilidade, para os Pobres, do acesso à habitação.

Está estabelecido — não por leis teóricas, mas, o que é mais repugnante, por imposições económicas e práticas — que os Pobres não têm direito à habitação. Sim, no nosso País, com esta errada, injusta e anti-constitucional política de habitação, os Pobres estão condenados a viver clandestinamente em barracas ou casas abandonadas, erguidas à fugida, em terrenos à toa.

Senão vejamos: O Jorge ganha setenta contos mensais. O seu andar construído em terrenos camarários e patrocinado pelo Instituto Nacional da Habitação a preços controlados, custa-lhe oito mil e seiscentos contos. Tem direito a

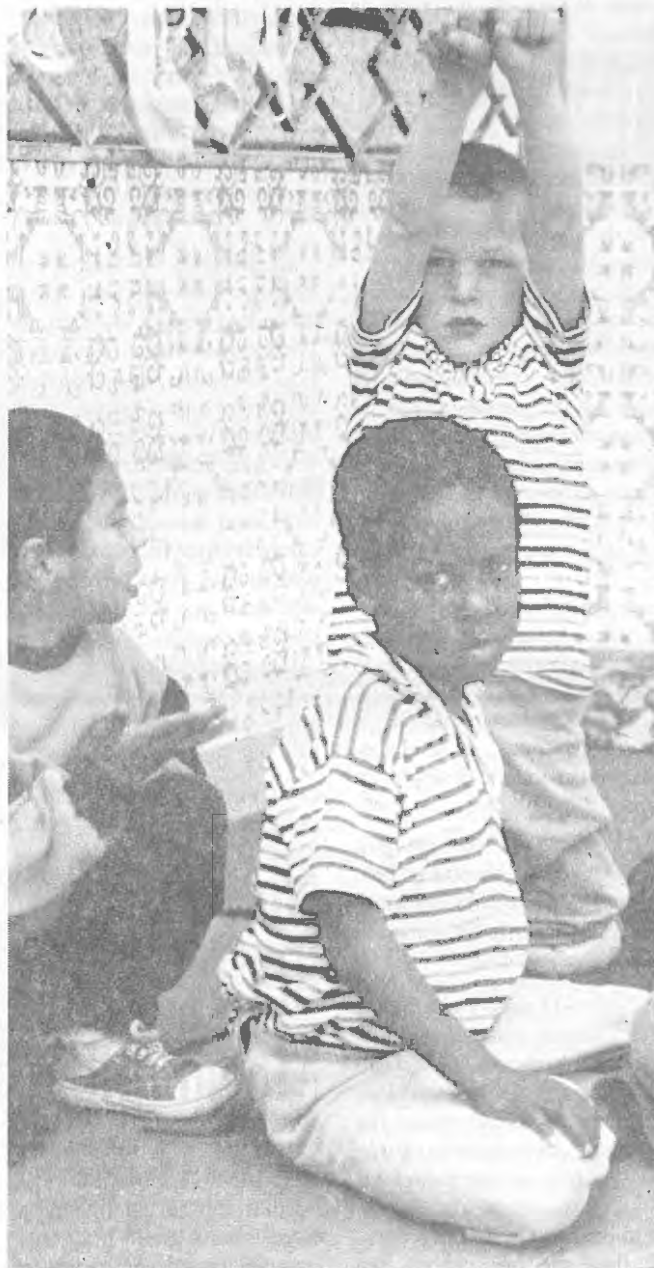
crédito jovem. Dando de entrada 850 contos, para assegurar a reserva e posse da chave, ficará com o encargo mensal de amortização e juros — valor que ultrapassa o seu próprio vencimento.

Vale-lhe trabalhar aos sábados e fazer horas extraordinárias. «Só no mês passado descontei mais de 40 contos para impostos!», confidenciou-me. Vale-lhe jogar futebol e assim ganhar mais uns escudos. Vale-lhe a sua noiva trabalhar também. Vale-lhe a Casa do Gaiato ter garantido a totalidade da entrada, atribuir-lhe uma madrinha e o futuro sogro poder ficar como fiador.

Se fosse um fulano não especializado, se não tivesse amparos, só lhe restava para viver, levantar uma barraca ou abrir uma caverna.

Que interessa a Lei Fundamental consagrar o direito à habitação para todos os portugueses? Que interessa, se isso é somente teoria?

Continua na página 3



'Guga', «Doutor» e André surpreendidos pela objectiva.

ÁFRICA

MALANJE

Uma riqueza da cultura angolana

HÁ anos, levei de Angola dois dos nossos rapazes para de Portugal os mandar para o Canadá onde o pai os esperava a fim de os assumir.

Em Lisboa fui com eles bater à porta dum tio deles na esperança de que os acolhesse enquanto eu punha os seus documentos em dia. Esperámos na rua e ali mesmo chegou o recado: «Que não tinham nada connosco e não recebiam os pequenos.»

Naquele momento — era festa no bairro — rebentou um foguete... Eu pasmei e os meninos desataram a correr. Vindos da guerra, foguetes para nós eram tiros. Porém, mais que um tiro de canhão magoou-nos a resposta mesquinha.

Recordo como naquele momento senti no íntimo a beleza e riqueza da cultura angolana, neste aspecto.

Ora vejamos:

Não é muito vulgar encontrar crianças completamente desamparadas... Como assim? Há sempre um tio ou uma avó que os cuide. O tio *materno* (é lei sagrada) assume com gosto e senhor de si a responsabilidade dos órfãos. Tenho encontrado casais com dez e doze filhos e sobrinhos. Não se nota diferença no trato.

As mães solteiras, geralmente, entregam os filhos à avó materna. Queridas, estas avós dedicadas aos netos que estão criando! Algumas, já velhinhas... Que luta quotidiana! Que sacrifício pelo sustento! Grandes santas de Deus!

Continua na página 3

Conferência de Paço de Sousa

SE QUERES A PAZ VAI AO ENCONTRO DOS POBRES — Surgem pais lamentando e perorando alívio para a sua carga, onerosa, na aquisição de material didáctico — para que os filhos possam acompanhar o ritmo d'aulas, sem discriminação. Os subsídios (oficiais) virão depois...!

Após esta tarefa pontual, encontrámos dois vicentinos aflitos e com problemas inadiáveis. Largaram o sofá, as pantufas e meteram-se a caminho. Partilhámos experiências. Demos as mãos. Fraterna ajuda entre Conferências Vicentinas da região. No caso vertente para se acudir, imediatamente, a uma cancerosa. E à filha, cujo marido também padece de doença incurável. Neste doloroso calvário, as crianças sofrem...! É de crer que os recoveiros dos Pobres tenham já requerido os respectivos abonos de família, numa delegação do Centro Regional de Segurança Social. Não podemos esquecer benefícios que a lei prevê!

Ocupados nestas andanças, recordámos o tema do Santo Padre para o Dia Mundial da Paz, do próximo ano: «Se queres a paz vai ao encontro dos Pobres». Guardámos, por isso, um excerto do pequenino boletim editado pela Comissão Justiça e Paz, que vale a pena citar:

«Vários acontecimentos fizeram convergir a atenção do mundo inteiro para o facto de existirem hoje muitos milhões de seres humanos que não têm nem mesmo o mínimo indispensável para viver decorosamente, conforme a sua dignidade de filhos de Deus. Frente a tão grande insulto à dignidade humana, João Paulo II decidiu escolher para a jornada mundial da paz de 1993 o tema: 'Se queres a paz vai ao encontro dos Pobres'. A pobreza é, de facto, fonte de conflitos. Os contrastes aberrantes entre países ricos e pobres, entre os indigentes e as classes opulentas em quase todos os países, são fonte de conflitos. Estas situações de desequilíbrio social representam uma ameaça permanente para a paz». E continua: «Ninguém pode permanecer indiferente perante esta tragédia humana de proporções gigantescas. Cada pessoa, cada sociedade, tem a obrigação de ir ao encontro dos Pobres e de se empenhar a fim de criar as condições necessárias para que também eles possam encontrar o seu lugar na sociedade, contribuindo assim para a construção de um mundo pacífico».

PARTILHA — Nove mil, da «Avó de Sintra», com os «desejos de saúde e paz para a família do costume».

Mais cinco, de Santa Cruz do Douro (Baião), com a amizade de sempre pela Obra da Rua e pelos nossos Pobres.

«Leitora assídua d'O GAIATO» — «meu Evangelho vivido na prática» — de Regada (Figueira de Castelo Rodrigo), manda uma útil remessa, já entregue a quem precisa.

Pelas CASAS DO GAIATO

Assinante 31104: «Junto remeto um vale para a Conferência do Santíssimo Nome de Jesus. (...) Que Deus aceite a minha intenção. Creio que sim, pois é mais nobre para ti, que ainda pertences à terra, conseguir homenagear do íntimo do teu ser os entes queridos, emprestando tuas obras ao atendimento daqueles que necessitam».

Cheque duma vicentina, de Coimbra, «para distribuírem, como entenderem, pelos Pobres. É pouco, mas logo que possa enviarei mais. Como já pouco posso fazer na Conferência a que pertencem, deposito em vós esse trabalho». Vicentina até ao fim!

Presença da «Avó dos cinco netinhos», com a sua «contribuição mensal» e muito carinho pelos nossos Pobres.

Fecha a procissão a assinante 14493, da Rua da Boavista, Porto: «Pequena ajuda — como é meu dever. Deus vos ajude porque a tarefa é imensa». Tem razão! Quem anda metido nestas bolandas não tem tempo de perder tempo.

Em nome dos Pobres, muito obrigado.

Júlio Mendes

PAÇO DE SOUSA

CATEQUESE — Começou. Os rapazes da Primária têm o encontro quarta-feira, à tarde, porque estudam de manhã; os da Telescola, da parte de manhã. Esperemos que tudo corra bem.

VINDIMAS — Terminaram. Tivemos uma boa colheita! Esperamos que haja bom vinho, para que os mais velhos possam saboreá-lo.

GADO — Recebemos a oferta de três vacas. Os vaqueiros estão contentes e espalharam logo a notícia! Joaquin, «Spok», «Orelhinhas», e restantes vaqueiros, vão tratá-las tão bem como as outras.

CARAS NOVAS — Chegaram mais cinco rapazes: Serafim, José Carlos, Hugo, Paulinho e António. Felizes no meio de nós!

MATERIAL DESPORTIVO — Em nome dos desportistas revelo que precisamos de meias desportivas e chuteiras. Se for possível algum leitor poder servir-nos, agradecemos.

«Vitinho»

FUTEBOL — Nos dias 10 e 11 tivemos um fim-de-semana em grande: O torneio em

Galegos e o jogo com o União dos Tarcísios do Porto.

Em Galegos (terra natal de Pai Américo), ganhámos o primeiro jogo por 3-1 e fomos à final, disputada no dia 11, tendo por adversário a equipa local.

A finalíssima teve pouca história. Dominámos todo o encontro. Resultado: 8-1. Ganhámos os seguintes troféus: guarda-redes menos batido, melhor marcador (8 golos) e primeiro lugar na tabela.

Mais dois jogos no domingo, dia 18. Um de manhã e outro à tarde.

Defrontámos o F. C. de Mata Ratos, de Gandra. Vencemos por 8-2. À tarde, com a equipa do Bairro da Alegria (Braga). Sofreram quinze golos e marcaram um, de honra. Resultado: 15-1. A nossa equipa está de parabéns porque aguentou os dois prélios em bom ritmo.

Agora, um breve apontamento do Antero sobre o encontro com a União dos Tarcísios:

«A nossa comunidade foi agraciada com mais uma manifestação de amizade: a convite da União dos Tarcísios, uma pequena embaixada deslocou-se às suas instalações para uma agradável convívio.

Acolhidos com extremo carinho, desde o momento em que nos vieram buscar, tornou-se de sobremesa importância o momento central do convívio: disputa dum encontro de futebol de salão. O grupo da U. T. P. apresentou a sua equipa para esta temporada. Venceram por 2-1 com inteira justiça, apesar da garra com que o nosso grupo se debateu em todo o encontro, acusando inexperiência, a nível de competição. Depois, ofereceram um jantar, que a todos agradou. No fim, e com simplicidade, entregaram lembranças e discursaram as pessoas responsáveis de ambas as partes. Um momento simples, com palavras simples, mas a todos tocou bastante. É grato, para nós, recebermos, assim, tão grande amizade do coração das pessoas.

O poeta Castro Reis, membro dos Tarcísios, declamou um belo poema, a propósito do momento. Muito obrigado e até sempre!»

PÃO — O nosso Padre Carlos fica chateado connosco quando encontra pedaços de pão no chão. Tem razão! Desta vez não foi um pedaço, entregaram-lhe três sacas que estavam no caixote do lixo! Não se sabe quem foi o autor; mas, como diz o provérbio: «por um pagam todos». Castigo que nos coube: não comermos pão à merenda, até aprendermos a não estragar. O

problema é que nunca aparecem os «estragadores»!

Talvez assim as coisas melhorem, pois temos que pensar nos irmãos que passam fome e agradecer a Deus a fatura de coisas que recebemos diariamente.

Repórter x

BENGUELA

CONTENTORES — Finalmente, chegaram os contentores! Tiveram um caminho muito demorado, por via duma greve no porto do Lobito e pela avaria do barco no porto de Leixões. Mas aportaram em perfeitas condições. Um, trazia um furo, do lado, provocado pelo garfo da empilhadora e, por aí, tiraram umas toalhas.

OBRAS — Com a chegada dos contentores, as obras aceleraram mais um bocadinho. Se tudo correr bem, talvez no fim do próximo mês estaremos já instalados com o previsto grupinho que está à porta.

O portão com outra cara, pois com ajuda do nosso Ricardo pintámos o distintivo: Obra da Rua — Casa do Gaiato. Ficou bem, depois de uma tarde de trabalho.

ELEIÇÕES — Finalmente, chegou o momento mais bonito do acordo de paz assinado em Portugal. De igual modo vai ficar na história da Obra da Rua, porque em nossas escolas foram instaladas duas assembleias de voto que funcionaram durante dois dias e permitiram aos eleitores, aqui da zona, elegerem os candidatos que levarão este país para diante. Tudo correu bem, sem incidentes, pelo que ficámos muito contentes.

Um grande abraço em nome de toda esta equipa. E agradeço aos leitores que nos têm mandado correspondência.

Benjamim

Notícias de Moçambique

ONDE ESTÁ DEUS?!... — Há dias, fui ao talho comprar cinco frangos que a Irmã Quitéria pediu. Ao entrar deparei com um amontoado de pedintes. Observei e reparei que quase

todos eram deficientes motores. Aguardavam o desmanche dos animais para ficarem com os restos. Eis, enfim, o momento por eles esperado: o empregado aproxima-se carregando um tabuleiro com «carne», ou melhor, com tripas e restos. Distribui com muita indiferença. Uns recolheram aflitos, com medo que não chegasse, num saco sujo, sujo... Outros, no próprio bolso; e outros até nas mãos... Mas saíram satisfeitos!

Fiquei numa angústia e lembrei o que nos ensina o Mestre: «Quando se está junto ao Pobre, Deus não está longe». Estava mesmo ali!

Mas, quem se lembra disto?! Acaso a dona do talho não tem coração para dar um pouco de carne de qualidade?! Acaso eu não tenho coragem de deixar um dos cinco frangos que tinha acabado de comprar?! Afinal, onde está Deus?!...

Sem o sentirmos, caímos muitas vezes nesta indiferença. E lembrei a frase: «Aquele que abandona o irmão, o desconhecido em extrema necessidade, para ir encontrar-se com Deus nas suas devoções, não encontra Deus no lugar onde espera encontrá-lo».

Afinal, Deus mora nos próprios homens, para ser respeitado, defendido, amado... E para ser servido...

TRABALHADORES APLICADOS — Além do Ananias que assume a cozinha, como referi no número anterior, temos outros rapazes que se aplicam no trabalho com grande prontidão e ajudam em vários sectores da Casa: Maurício e Julião, nos tractores, já sozinhos em diversos carregamentos e transportes. Agostinho, Ivo e António Romão, na carpintaria, fazendo muitas cadeiras para a escolinha. Albino e Samuel ajudam o tio Lourenço (antigo gaiato), na serralharia. Aqui, há muito que fazer! Cortar ferro, lixar, soldar. Não têm mãos a medir! Jaimito foi nomeado responsável pela pequena horta. Levanta-se às cinco da manhã para regar os tomateiros, antes que o sol apareça. E, ainda, o Júlio que se aplicou no controle de saídas e entradas do material de construção.

VISITAS — A D. Noémia esteve a passar connosco um fim-de-semana. Muito nos tem apoiado! Uma presença muito agradável, sempre pronta a colaborar em nossas actividades.

Passaram por cá os representantes da Cáritas Diocesana e da Cáritas Nacional. Da parte dos Helvetas, visitou-nos o sr. Diniz, que ficou surpreso com os pro-

gressos conseguidos. As Irmãs Hospitalares trouxeram consigo a Superiora provincial, que nos quis conhecer. Já regressou a Portugal.

A NOSSA FAMÍLIA — O inevitável... Desta vez, um presente fofinho e muito bonito: um bebé!... Deve ter perto dos dois anos. Estava abandonado no hospital... Que coragem!

Agora, tem uma boa família: pai, mãe, tios e muitos irmãos. Amor e carinho não lhe irá faltar. Decerto, será uma alegria constante vermos o menino crescer.

Também chegou um gráudo: o Rafael, antigo gaiato; vem trabalhar na serralharia e nos trabalhos de mecânica.

Carlos Roda

LAR DO PORTO

CONFERÊNCIA DE S. FRANCISCO DE ASSIS — Oito anos passados com dedicação aos nossos irmãos mais carenciados, levando até eles a Palavra de Deus. Houve alegrias, tristezas e Deus ajudou-nos em tamanha tarefa.

Visitávamos um casal desde o princípio da nossa vida vicentina. Desde logo, percebemos que não eram casados nem os filhos baptizados (viviam juntos, há cinco anos). Fizemos ver que a sua vida poderia ser melhor, acreditando que há um Pai que nos guia.

É preciso ter Fé e Esperança. Há quatro anos, finalmente, uniram-se perante Deus e os homens; e, no mesmo dia, baptizaram os três filhos. Foi uma grande alegria para todos nós, vicentinos.

Há um ano, a mãe abandonou o lar. Fugiu com um homem, também casado. Depois, o pai fez o mesmo, ficando as crianças à sorte de Deus. Mas como o Pai do Céu é grande, os miúdos tiveram alguém que, desde logo, procurou ajuda para serem acolhidos. Os dois mais novos, Bruno e Ricardo, estão na Casa do Gaiato de Miranda do Corvo. O Hugo, mais velho, ficou ao cuidado do Tribunal de Menores. Necesita de cuidados médicos, pois ficou muito transtornado. Tivemos grandes alegrias e, por fim, muita tristeza!

Como já devem ter percebido, trata-se do casal António e Lola, que referimos várias vezes.

Pensamento de Santa Micaela: «Se ocorrer alguma desgraça será porque assim convém, pois todos oramos a Deus e à Virgem Santíssima. Sendo tudo ordenado pelo Senhor, temos de nos conformar com a Sua vontade soberana».

• A pequenina ajuda de J. R. D., 2000\$00. Amiga, da Holanda, 7000\$00. Anónimo, 10.000\$00. José, 10.000\$00. Assinante 3359, 1500\$00. «Ponho assim nas vossas mãos uma bênção de Deus para consolar esses corações quando fordes visitá-los e levar-lhes a vossa palavra que é a de Deus-Pai», afirma o assinante 14590, que enviou 2000\$00.

Bem haja e Deus-Pai nos abençoe a todos.

Maria Germana e Augusto

ÁFRICA

MALANJE

Continuação da página 1

Alguns dos nossos rapazes vêm destas avós.

A parte negativa

«Não há bela sem senão.» Temos (e de terríveis consequências) a parte negativa: o abandono por parte de muitos pais.

«Venho à procura do senhor X...»

Ela pousou o molho de lenha que, pelo cansaço, acar-

retou de longe para cozinhar o funge dos filhos e respondeu no intervalo dum respiração: «Deve estar na outra mulher...»

De volta dela e do molho da lenha, um rancho de seis filhos. Mãe! Como galinha, aconchegando... Mas quanta carência, meu Deus!

Soube, depois, que o pai destes filhos já estava com a terceira mulher. Uma autêntica máquina de fazer filhos sem se preocupar com

o seu sustento e educação! Uma lei que chame estes pais à sua responsabilidade.

Cá dentro

Um pouco triste com a ida de D. Guiomar que durante sete meses nos ajudou. A sua ajuda foi valiosa.

Agora, um apelo directo ao coração dum senhor que se queira entregar totalmente ao serviço da Obra, aqui, em Malanje.

Que o Senhor conduza este chamamento.

Padre Telmo

BENGUELA

Duas espigas de milho

Hoje de manhã vi uma planta de milho com duas espigas em frente da janela. Alguém deixou cair na terra o grão, aproveitando o fiozinho de água a correr da bacia dum árvore quando é regada. Germinou, cresceu e deu fruto sem eu dar conta. Quantas vezes por ali passei e não vi?!

A farinha de milho — fuba — é um elemento básico da alimentação do nosso povo. Faltando ela, a fome é senhora. Em todos os cantinhos onde há sinais de água, os grãos de milho são lançados à terra.

Mas aquela planta de milho, sozinha, de cor verde carregado, fora do sítio, prendeu os meus olhos. Tanta gente faminta! «Dê-me trabalho só pela fuba», oiço todos os dias. É por isso que mais um grupo começou a trabalhar nos nossos campos. Eles e os filhos — homens e mulheres — são os gaiatos de que cuidamos neste momento. Ultrapassam os duzentos!

Há vida na Casa do Gaiato

«Há vida na Casa do Gaiato», oiço de vezes amigas quando passo pela cidade à busca de fuba, do feijão, do óleo alimentar, do sabão e do peixe nas pescarias.

Este juízo consola-nos. A Obra da Rua não veio para Angola por outra razão: Só para ajudar o povo a viver.

Já se vê o dia em que os campos voltarão a encher-se de milho e feijão. A mandioca e a batata doce hão-de correr pelo caminho de ferro ao encontro dos grandes centros. Os panos, as charruas, o sal, o peixe e o açúcar voltarão a subir em tranquilidade a encosta do planalto. Bendita a Paz que chega!

Na hora em que escrevo, manhã de domingo, com o mar à minha frente, de cima do morro da Caota, tenho

uma lista de vinte garotos metida num envelope guardado no bolso. Estão impacientes por entrar na Casa do Gaiato! Outros vinte esperam igual sorte. Número sem conta cruza-se comigo todos os dias. Começamos a ficar tão impacientes como eles com a lentidão das obras. Bem queríamos atingir metade da lotação da Casa do Gaiato até ao fim do ano.

Sermos humildes

Temos que ser humildes. A tarefa é grande demais! As poucas coisas que ainda existem, sobem de custo assustadoramente. A carga maior que levamos com alegria é o cuidado diário da gente que

MOÇAMBIQUE

Muitos anseiam pelo regresso à origem

A expectativa do cessar fogo, depois a recepção calorosa ao Presidente Chissano, parece esfriar. O povo metido entre dois inimigos mortais, a seca e a guerra, não tem entusiasmo. É megável que muitos anseiam pelo regresso à origem. Os antepassados são uma força considerada. Mas quantos atingiram a cidade — onde, apesar de tudo, o que mais falta é trabalho, que comer vai havendo — não quererão arriscar-se a regressar ao desconhecido que os espera pelo interior fora. As aldeias destruídas, as machambas irreconhecíveis por tantos anos de abandono, as fontes de água secas e o período de preparação das sementeiras, tradicionalmente encerrado em Outubro, não ajudam à mudança.

nos procura à busca do pão. Por estes Pobres vamos deixando o recado nas empresas: há-de ser pelo dar as mãos que a libertação da miséria deste povo acontecerá.

E a equipa que leva comigo este peso? Que maravilha, graças a Deus! A começar pelo João Carlos, de 11 anos, passando pelo Benjamim, Tozé, Aurora e Teresa, com a boa disposição do Zé d'Angola e do Ricardo. Que heide fazer para merecer tão grande dom na recta final da vida? Amar sempre mais até ao fim!

Que este banho no mar da Caota, num cenário de beleza tão grande, seja tónico eficaz para mais uma semana de trabalho.

Padre Manuel António

cessário para se reimplantar com dinamismo em todos os lugares.

Outras igrejas e múltiplas seitas ganharam o seu espaço e de um modo muito notável o islamismo.

A Casa do Gaiato é uma insignificância mas procura fazer o que está ao seu alcance

Se a actuação com meios materiais é agora prioritária e nunca poderá se relegada pela Igreja, como Mãe dos Pobres, no âmbito da instrução está quase descoberta a sua actuação a curto prazo.

Urgente é a sua inserção nas comunidades como anunciadora da Palavra da Vida e dinamizadora da consciencialização da dignidade do homem contra a anarquia de costumes, a violação da justiça e a corrupção. Os obstáculos maiores, porém, serão a falta de recursos humanos e uma audiência que reflita a credibilidade e seja fermento na sociedade.

Com a pátria moçambicana pacificada e mesmo as carências básicas satisfeitas, o povo continuará a sentir fome de Deus.

Neste contexto, a Casa do Gaiato é uma insignificância, mas procura fazer o que está ao seu alcance como Obra da Igreja.

Padre José Maria

Setúbal

Continuação da página 1

Onde está a vontade política de assegnar aos Pobres uma habitação digna de acordo com os seus rendimentos?

Não me digas que falta o melhor: o dinheiro! Não é verdade. Continuamos a observar tanto esbanjamento num verdadeiro atentado à incapacidade dos Pobres! Tanto!...

A Caixa Geral de Depósitos que movimenta uma boa parte do capital da Nação e é a instituição bancária que devia arcar, por imperativo do Governo, dados os seus privilégios e a sua natureza, com esta responsabilidade, é ela que sugando, em juros aos Pobres, os mais heróicos sacrifícios, é ela que inaugura o gigantesco palácio onde só o ar condicionado custou, dizem, mais de meia dúzia de milhões de contos! Quanto frio e quanto calor não suportam neste País os Pobres em barracas e cubículos para que os senhores estejam bem condicionados em temperaturas agradáveis?! Quanto!

Não há maior rendimento para o capital do que o investimento no Homem. Mas quem conhece os homens de dinheiro?... Ele é tão difícil

Cantinho das senhoras

TIVEMOS o nosso Retiro, de 14 a 18 de Setembro, na Casa de Nossa Senhora do Carmo, em Fátima, orientado pelo Padre Virgílio.

Gostámos muito! Só foi pena sermos tão poucas. Mas esperamos, com a ajuda de Deus, tentar pôr em prática tudo o que nos foi dito até atingirmos a meta, na certeza de que Pai Américo está connosco, pois as suas palavras não passam. A última vez que falámos com ele, disse: «Filha tem coragem. Olha, a Obra não é minha, é de Deus. Quando eu for, é que ela há-de começar». Estas palavras dão-me a certeza de que ele vela por tudo que nos deixou. E que há-de motivar outras senhoras para a Obra da Rua, se se deixarem dominar pelo Divino Espírito Santo. Ele faz maravilhas! Se O escutarmos, tenhamos a certeza de que somos capazes de lutar nos momentos mais difíceis.

Sinto-me feliz quando chamo Pai Américo. Sinto que me dá respostas.

Por fim, quero mandar muitos beijinhos para as comunidades de Moçambique e de Angola às quais estamos muito unidas.

Maria da Luz

Tribuna de Coimbra

Dogma indefectível

Sempre gostei de ouvir dizer que as verdades da fé, antes de o serem, na definição precisa dos teólogos, o foram na boca e coração do Povo de Deus. De facto, gerações incontáveis cantaram com sublimidade e rezaram com persistência, acenando ao de longe, aquela que viria ser a verdade a definir: o dogma. E são ainda dos Pobres e dos humildes, na simplicidade do seu viver, os melhores comentários ao dogma indefectível.

Assim, de Maria, a Sua santa e imaculada Conceição; a Sua gloriosa Assunção; o Seu bendito nome de Virgem e Mãe; a castidade santa de Seu esposo. Tudo professado por inteiro; alma e coração, sem dicotomias.

No mesmo dia em que, em Fátima, teólogos e especialistas de Mariologia, faziam declarações críticas e a opinião especulava sobre os segredos revelados ou por revelar... cá em Casa, à noite, o nosso Terço. Rezava eu com os meus rapazes. O Terço é a nossa oração mais familiar. Mesmo os que chegam de novo, logo começam a balbuciar, por ressonância, a saudação marial: «Avé Maria cheia de graça...». Fazem como sabem, sabendo porém que o que dizem é para

como fazer passar um camelo pelo furo de uma agulha!

Investir na habitação é investir na família — génese e suporte do ser humano.

Promovam-se todas as lutas contra a pobreza! Assim nunca elas conseguirão ganhar a guerra. A força do capital que faz a pobreza é muito mais forte e mais vasta.

Bater-nos-emos para que nenhum dos nossos filhos caia na desgraça de ir viver para uma cabana e ali gerar a sua família.

Padre Acílio

a querida Mãe do Céu...

Neste dia, o que presidia, enunciou um dos mistérios de forma um pouco heterodoxa... Má leitura, palavras pareciam uma heresia. Disse para repetir. Ao repetir, pedi que explicasse. Não era capaz. Parámos e expliquei eu.

Era o dia 13 de Outubro. Alma e coração em Fátima. Voltando à história que envolve aquele lugar sagrado, repeti-lhes a história que escutei, há muitos anos, à lareira, quando me foi ensinada a melhor catequese: «Era uma Senhora mais brilhante que o sol...». Depois contei o que Ela tinha pedido aos três pastorinhos; o modo pronto e sacrificado da sua resposta. Disse do modo como Francisco tinha começado a ver a linda Senhora; e terminei frisando a saudade que a Senhora deixara para sempre impressa no coração dos dois mais novos. E que, em breve, por causa dela, os viera buscar para o Céu.

Momento sublime

Os olhos dos miúdos nos meus, emocionados, tinham o brilho do encantamento. Ambos nos tínhamos deixado absorver pela força imanente do mistério.

Às vezes, é preciso mandar rezar. Naquela hora, não! O coração ganhou calor e a oração tornou-se concorde. «A Senhora mais brilhante que o sol...; mais branca que o leite das nossas ovelhas...», tinha olhado com ternura cada um destes seus filhos, tantas vezes privados dela.

Por isso, foi com força nova o dizer de Maria: da sua maternidade divina; da sua graça plena; do fruto do seu ventre e da sua protecção invocada, agora e na hora da nossa morte.

O nosso Terço é uma veneração terna do dogma. Rezado pelos «filhos da rua», um comentário vivo ao Evangelho. Debaixo das nossas telhas, um dos momentos mais sublimes do nosso dia.

Padre João

DOCTRINA

Amparar crianças e cuidar de flores são obras de jardineiro



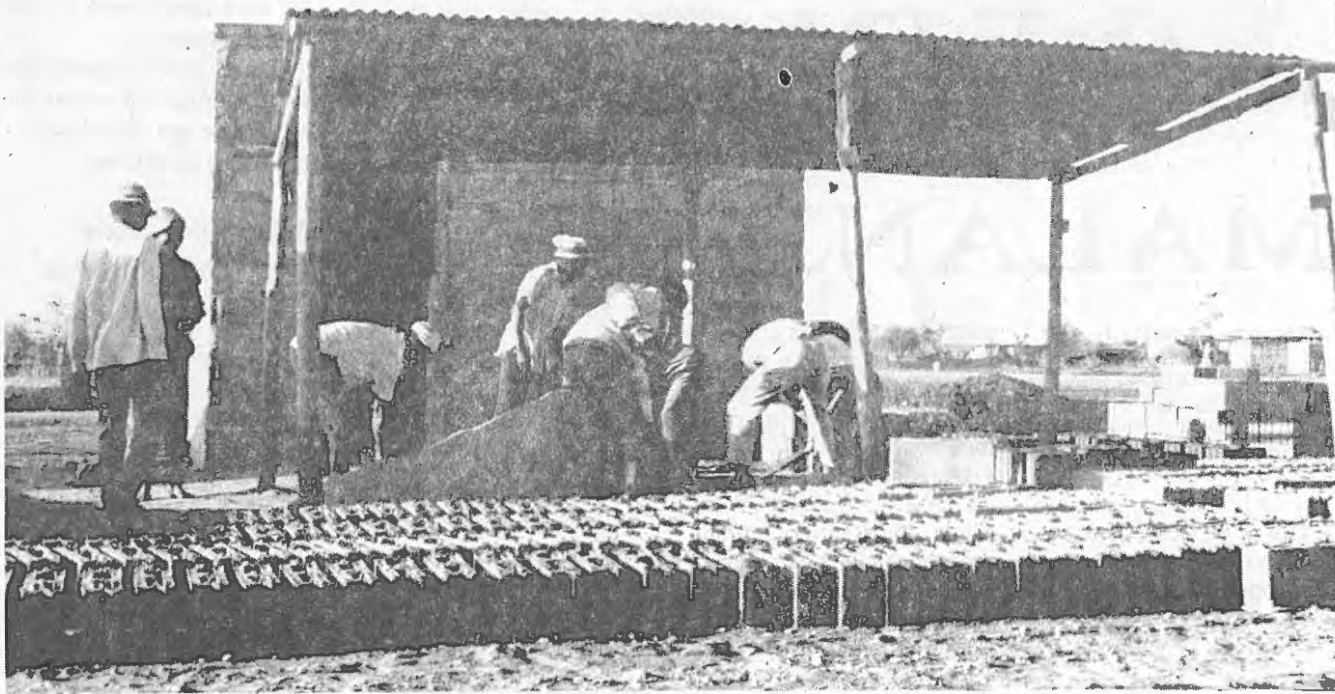
Os garotos andam interessadíssimos com o fenómeno do dia: «Como é que de uma galinha saíram patos em vez de pintos?!» Já antes, com relação ao dito fenómeno, houvera oferta generosa de um deles. À chegada dos ovos disse eu à regente que, se a galinha os não quisesse, teria o Vitorino de os chocar. No dia seguinte, pergunto-lhe se deseja levantar-se. — Não, que tenho de chocar os ovos! Este pequeno gracioso, hoje sem mãe, trouxe do seio da família primorosa educação e é ele mesmo um grande educador no meio dos outros, sem dar fé — mestre aos oito anos. Por via dele e doutro irmão que lá temos, é que o recruta aprende num instante propósitos e maneiras e aceita o castigo justo e necessário com um *muito obrigado* final.

Trago o meu pensamento seriamente ocupado com estas duas crianças e todo o cuidado me parece pouco; não vá a malícia dos pequenos alunos corromper a inocência dos pequenos mestres. Tu podes ajudar-me eficazmente na delicada tarefa de os preservar do mal, pedindo por eles ao nosso Deus Omnipotente, Origem e Fonte de todo o Dom perfeito.

O nosso já muito conhecido Eduardo, o que foi dos caminhos, deve fazer a sua primeira Comunhão na festa solene da freguesia e eu quero apresentá-lo a par dos mais, com fato decente e fita branca no braço. (...) Este catraio é uma demonstração prática do muito que se pode fazer a bem da criança abandonada. Chegou ele à Casa do Gaiato com escola da rua e hábitos de aventureiro. Tinha a princípio, e ainda hoje tem, a nostalgia do vadiar e o «eu quero ir embora» vem-lhe de vez em quando aos lábios, num misto de franqueza e de indecisão — mas não vai. A gente não o poupa. Vamos ao encontro dos seus defeitos, contrariamos suas veleidades, obrigamo-lo a trabalhar e a dar contas do tempo; o rapazito vacila, estrebucha, ameaça — e fica! Como é possível prender e disciplinar vadios dentro de casas abertas? Dando-lhes mui simplesmente justiça e verdade; mais nada.

O. Amín. 5!

(Do livro *Pão dos Pobres* — 2º vol.)



Massaca 1 (Moçambique): Outra mini-empresa em laboração.

PATRIMÓNIO DOS POBRES

Retrato de vidas humanas

NUMA das últimas tardes deste Outono quente aproveitei boleia e fui visitar dois bairros do Património dos Pobres. Este primeiro tem 38 anos e está situado à beira da estrada nacional. É soalheiro e os terrenos em frente das seis casas estão semeados de feijão verde, flores e couves.

Logo ao cimo dos primeiros degraus encontrei uma senhora sentada no banco de pedra com duas muletas ao lado. É viúva, há muito, e tem 84 anos. Arrasta-se com bastante esforço. Enquanto pôde vendeu pão de porta em porta com a cesta à cabeça. Agora vive da reforma de vinte contos mensais.

Paredes meias, vive outra senhora da mesma idade. «É *doidinha. Nunca está parada. Mas não incomoda ninguém. Vive também da pequenina reforma. Nós olhamos por ela.*»

Junto estava uma mulher nova. O filho chegou nesse momento da escola. A filhinha brincava perto. Foi mãe solteira, mas agora está casada. O marido trabalha nas obras da cidade. Tem a seu cuidado a mãe que está de cama com bronquite asmática. Foi-lhe dada uma casa para ela tratar a mãe.

Na casa ao lado, maior, vive uma família de onze pessoas. Pai e mãe e nove filhos. Estavam os dois que tinham chegado da escola primária. A mãe tinha ido com os dois mais novos para o hospital. São deficientes e têm de recorrer, muitas vezes, ao hospital. O pai trabalha nas obras. Uma das filhas perdeu-se na prostituição e anda por lá.

Na outra moradia, outra família. Não estava ninguém, nem pais nem filhos.

Outro retrato idêntico

A umas centenas de metros há mais um bairro. Também ao sol, com os quintais cultivados e portas e janelas pintadas de novo. São sete casas, a beira duma estrada nacional.

Quando subi a pequena encosta estava uma vizinha que vive em habitação própria — e me acompanhou. A primeira, é habitada por duas irmãs solteiras. Uma de setenta e dois e outra de setenta anos. A cozinha estava suja e desarrumada.

O vizinho, paraplético, vive só e as duas irmãs cuidam-lhe da roupa e das refeições. Noutra moradia habita uma senhora de

88 anos. Com aparência de boa saúde estava à porta a comer uma banana e depois um cacho de uvas. Foi-lhe oferecido um tecto por ela cuidar muito bem da mãe, durante muitos anos doente.

A última, está vaga. O habitante faleceu há um mês. Era um homem solitário. Todos vivem das pequenas reformas sociais. Todos disseram que o melhor bem é a «*nossa casinha que aquele santo Padre Américo nos deu.*»

Tive a impressão que quase todas aquelas casas são santuários. Gente que sofre. Gente que crê. Gente que espera. Gente que ama. Gente que se ajuda. Qual o valor de cada um daqueles santuários?

Na parede fronteira da maior parte daquelas habitações está uma placa, em azulejo, com a inscrição de quem as ofereceu: quase todas por grupos a trabalhar, então, no Ultramar português.

As casas do Património dos Pobres custaram tanto a construir, naquele tempo, e, hoje, muitas delas tão abandonadas e algumas tão prostituídas!

Aproveitei boleia e regressé a casa. Espero continuar.

Padre Horácio

Subsidiaridade

Há um termo que começou a entrar na linguagem da comunicação social, sobretudo, devido aos acordos da Comunidade Económica Europeia. O termo é difícil de pronunciar e creio que também está a ser difícil dar-lhe um conteúdo preciso, embora se pretenda com a sua filosofia uma maior humanização das decisões e eficácia organizativa. Trata-se da subsidiaridade. Sem entrarmos nos jogos políticos em que a correlação de forças tenderá a alargar ou diminuir o seu âmbito, convém recordar que o termo é já muito antigo. Aparece explicitado na Encíclica de Pio XI, *Quadragesimo Anno*, datada de 15 de Maio de 1931. Nos nºs 79 e 80 fala-se da função subsidiária aplicada quer às relações entre estados quer às diferentes organizações, instituições e associações no interior de um mesmo estado. Deduz-se dessa leitura, essencialmente, o seguinte: não faz parte da boa saúde social subtrair a sociedades mais pequenas e inferiores o que elas poderiam fazer, confiando-o a sociedades maiores e mais poderosas. Dito ao contrário: não se ganha em humanidade e paz social quando, em vez de resolvermos problemas que estão ao nosso alcance, pura e simplesmente alijamos a res-

ENCONTROS

EM LISBOA

pensabilidade para outros mais acima, pensados como mais poderosos e também mais distantes.

Este princípio pode aplicar-se em muitas situações da vida. Não o aplicar implica, muitas vezes, um certo adormecimento pessoal e sobretudo a criação de uma mentalidade de irresponsabilidade individual e social. Veja-se o que se passa com os sistemas burocráticos em que pouca gente quer assumir responsabilidades escudando-se sempre na falta de competência para isto e para aquilo.

Cada freguesia cuide dos seus Pobres

Isto vem a propósito de um caso que me apareceu pela frente. Uma mãe adoptiva que se encontra com um menino de 15 anos pouco dotado para a escola mas com boa capacidade para aprendizagem manual. É uma terra já relativamente grande. O moço gostaria de fazer carpintaria. Ninguém na zona quer

o miúdo, dizendo muitas vezes à mãe adoptiva: — Não assumisses essa responsabilidade, interna-o num colégio, a Segurança Social que tome conta dele.

Eis algumas maneiras expeditas de alijar responsabilidades e atirar para cima. No entanto, o moço continua ali à espera de uma solução e vai sendo adiada. Creio que estamos nitidamente diante de uma questão de mentalidade cultural. Penso que o meio tem capacidade para encontrar uma solução humana para aquele rapaz.

Pai Américo quando lançou a frase «Cada freguesia cuide dos seus Pobres», não estava a sonhar. Lutava contra a indiferença e a irresponsabilidade. Com efeito, o que mais me arrepiava quando percorro esta ou aquela terra para ver determinada situação, é a indiferença que por vezes encontro. Uma forma estranha de olhar a desgraça. Meneiam a cabeça e acusam. Falta o olhar do coração que nos coloca em movimento

para encontrar soluções. Há tantos casos que gostaria de ver resolvidos no próprio local. Seria a solução mais humana e menos desgastante em termos emocionais e de desenraizamento.

Este domingo fiquei feliz quando membros de uma comunidade cristã me contaram da solução de um caso por mim conhecido. Experimentaram mais de dez soluções. Não desanimaram até que, com grande empenhamento, se conseguiu uma solução feliz. Em muitos outros casos poderia ser assim se não estivésemos à espera que outros solucionassem.

Já no tempo de Jesus havia muita gente a abanar a cabeça sem nada fazer. Diariamente a pergunta continua: — Onde está o teu irmão?

Padre Manuel Cristóvão



Director: Padre Carlos — Chefe de Redacção: Júlio Mendes
Redacção e Adm., fotocomp. e imp.: Casa do Gaiato — Paço de Sousa — 4560 Penafiel
Tel. (055) 752285 — Cont. 500788898 — Reg. D. G. C. S. 400398 — Depósito Legal 4239